



# Estratégias de cuidado e resistência construídas por jovens universitários na pandemia

**Roseane Amorim da Silva**

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1454-0417>

**Antônio César de Holanda Santos**

Universidade Federal de Alagoas, Palmeiras dos Índios, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9516-7035>

**Jaileila de Araújo Menezes**

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3322-3764>

## Introdução

O presente artigo aborda algumas reflexões construídas a partir da pesquisa realizada pelas autoras e o autor deste texto, intitulada: *A participação de jovens universitárias/os na construção de estratégias de cuidado e resistência em tempos de pandemia do Covid-19*. Trata-se de uma pesquisa interinstitucional desenvolvida por pesquisadores/as de instituições públicas localizadas no Nordeste do país: a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), Brasil; a Universidade Federal de Pernambuco – Recife; e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Palmeira dos Índios, Brasil. O estudo foi realizado nos anos de 2022-2023, período em que estávamos na fase menos crítica da pandemia, quando algumas atividades nas Instituições de Ensino Superior (IES) estavam retornando à modalidade presencial e quando já era possível percebermos os impactos das medidas adotadas contra a Covid-19 na vida das/os estudantes de forma geral (ARAÚJO; CAVALCANTE; SANTOS, 2025; OLIVEIRA, 2021). Tais impactos também foram observados, de forma específica, a partir das nossas atuações enquanto docentes em cada contexto universitário já citado, bem como nos relatos das/os participantes.

Os desdobramentos da pandemia se tornaram foco de atenção na educação, desde seu início, devido às diversas e complexas adaptações necessárias para que as perdas no processo de ensino-aprendizagem fossem minimizadas. As universidades aderiram à modalidade de aulas remotas, o que implicou reorganizações no modo de realizar as atividades acadêmicas e no cronograma dos cursos, com repercussões nos processos formativos e no almejado futuro profissional dos/das discentes (GUNDIN et al., 2021). Mesmo depois do retorno ao ensino presencial, foram muitas as mudanças e questões a serem administradas para uma reorganização das vivências universitárias.

O quadro sanitário da Covid-19 agudizou as diversas crises já instaladas no país e acentuou as desigualdades sociais, em um cenário de governo defensor de bandeiras antidemocráticas, que perdurou de 2019 a 2022. Importantes políticas sociais foram desmontadas, e conquistas em prol da equidade social foram duramente ameaçadas, a exemplo da Lei Federal nº 12.711/2012, a Lei de Cotas, que garante reserva de 50% das matrículas em universidades e institutos federais a estudantes do ensino médio de escolas públicas (BRASIL, 2012). Os dados referentes à *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018* (ANDIFES, 2019) demonstram uma crescente inclusão de graduandos das classes C, D e E, nos últimos anos. Franco e Cunha (2017, p. 19) enfatizam que, apesar desses avanços, os dados alusivos ao perfil socioeconômico dos graduandos refletem que ainda existe um hiato de suma importância a ser enfrentado no que diz respeito “ao acesso das camadas mais representativas da população ao ensino superior de qualidade, à pesquisa, à cultura e ao conhecimento, fundamentais ao enfrentamento das desigualdades sociais do país e ao aprimoramento do capital humano”.

Se, por um lado, estudantes que são oriundos de escolas públicas, negros e pardos, têm diversificado o perfil socioeconômico dos graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), infelizmente, a deficiência no financiamento das políticas de permanência tem ameaçado os mecanismos de reparação histórica das desigualdades sociais. Nos últimos anos, temos observado o recorrente corte de verbas destinadas ao orçamento das universidades públicas de todo o país e a falta de investimentos, que se desdobram em uma série de problemas na infraestrutura das instituições, nos recursos necessários para o desenvolvimento de pesquisas, atividades de extensão e aulas de campo. Temos lidado cotidianamente com a redução da oferta de bolsas para as/os

estudantes de diferentes modalidades, a falta de recursos para a assistência estudantil, para as residências universitárias e as dificuldades para manter os restaurantes universitários, entre outras questões que compõem uma série de problemáticas que impactam diretamente na permanência da própria universidade pública como instituição de ensino gratuito e de qualidade.

Se o cenário da pandemia foi global, a experiência da pandemia foi uma das expressões máximas da estratificação social: uma onda de morte, dor e desamparo que afetou de modo muito desigual pessoas com diferentes recursos disponíveis para o atravessamento dessa crise sanitária, econômica e política de intensas repercussões geracionais e biográficas. Com um olhar mais atento à sala de aula, percebemos que nem todos puderam retornar, principalmente estudantes do interior, que, na verdade, sequer conseguiram permanecer vinculados durante a modalidade de aulas *online*, pois não dispunham de internet que viabilizasse a conexão com as demandas da formação universitária. Percebemos, em nossos contextos universitários, que as/os que retornaram naquele momento apresentaram queixas coletivas e persistentes de cansaço, fadiga e falta de ânimo, uma vez que muitas vivências da formação foram abreviadas ou mesmo suprimidas.

Neste artigo, debateremos sobre as experiências das/os jovens universitárias/os no período pandêmico, com ênfase nos dispositivos de cuidado e resistência construídos e mobilizados no enfrentamento aos agravos gerados pelo cenário da Covid-19 em suas vidas. Ressaltamos a significativa contribuição das metodologias de base participativa na mobilização comunitária de jovens em diferentes universidades do Nordeste do Brasil. Em meio a uma concepção de saberes localizados, territorializados, pautados na escuta ativa e na problematização das relações de poder presentes em todos os agrupamentos humanos, pudemos coconstruir concepções sobre os diversos efeitos da experiência pandêmica. O próprio processo de pesquisa compôs a rede de reconexão da juventude com a vida universitária.

A dimensão poética da experiência estética foi o fio condutor dos encontros em formato de oficinas temáticas, pois a aposta metodológica implicava em um modo de revisitar memórias intensas, por vezes dolorosas, mas com certeza extremamente desafiadoras sobre sobrevivência individual e coletiva. Além desta introdução, o artigo traz uma seção teórica na qual abordamos, de forma interseccional, os principais conceitos mobilizados pela pesquisa, a saber: resistência, juventude e dispositivos de cuidado; uma seção dedicada à descrição e análise da metodologia participativa com juventudes; uma seção de análise temática, construída com base nos objetivos específicos da pesquisa; e, por fim, as considerações finais.

## Resistência, sujeitos juvenis e dispositivos de cuidado

A pandemia foi emblemática das tantas resistências forjadas para contar os dias a favor da vida, desenvolver e acionar tecnologias comunitárias para cuidar de si e dos outros. No sentido de articular a compreensão dos modos de ser da juventude universitária durante a pandemia, e os seus processos de subjetivação, consideramos que boa parte desse processo foi possível a partir da resistência empreendida pelas/os jovens universitárias/os. A resistência, para além das grandes insurgências necessárias e significativas, também se dá de forma paulatina, dinâmica e de contraposições fundadas em políticas e saberes que se gestam no ordinário das trocas cotidianas.

Avaliamos como relevante a concepção de resistência tecida por Lugones (2014), sob a perspectiva do feminismo decolonial, na qual ela compreende resistência enquanto parte de um processo dinâmico de lutas, de caráter político, e não a sua finalidade. A resistência se configura enquanto possibilidade marcada por uma relação de tensão entre a subalternização do sujeito e a agência, na forma de subjetivação ativa entendida como a “noção mínima de agenciamento necessária para que a relação  $\longleftrightarrow$  resistência seja uma relação ativa, sem apelação ao sentido de agenciamento máximo do sujeito moderno” (LUGONES, 2003 apud LUGONES, 2014, p. 940).

Na perspectiva descrita acima, Lugones (2014) compreende que, para empreender a resistência, é necessário que identificar as relações nas quais somos subalternizados. A filósofa complementa e contextualiza a construção da resistência no âmbito da decolonialidade, ao considerar que “[...] em vez de pensar o sistema global capitalista colonial como exitoso em todos os sentidos na destruição dos povos, relações, saberes e economias, quero pensar o processo sendo continuamente resistido e resistindo até hoje” (LUGONES, 2014, p. 942). Ela compreende que há alguma condição de ação e contraposição diante das colonialidades que nos atravessam. Entendemos que o empreendimento decolonial, constituído por epistemologias outras, contra-hegemônicas, deve ser forjado por processos de restituições e enunciações das falas e de produção de saberes, de conhecimento e de políticas próprias aos sujeitos subalternizados.

Ainda no que toca à resistência e ao seu caráter paulatino e cotidiano, Scott (2011) empreendeu estudos sob a perspectiva da luta de classes, junto a camponeses que sofriam diversas expropriações, e compreendeu que a resistência pode se dar também por meio de formas cotidianas, nem sempre configurando-se como enfrentamento coletivo. No âmbito das relações de poder, sobretudo em grupos desprovidos dele, a resistência pode ser empreendida com armas ordinárias, a exemplo da “relutância, dissimulação, falsa submissão, pequenos furtos, simulação de ignorância, difamação, provocação de incêndios, sabotagem, e assim por diante” (SCOTT, 2011, p. 219).

Ainda a partir do contexto das lutas camponesas, Scott (2011) afirma que a resistência que se estrutura nessas formas corriqueiras também é a potente maneira de defender seus interesses, além do dispositivo das grandes revoltas, que também tem sua relevância. Porém, avaliamos que esse entendimento é importante, no sentido de identificarmos que as resistências também se dão a partir das possibilidades presentes nas relações do dia a dia, que aparentam e se denominam enquanto passivas, mas que significam manutenção da luta em torno das questões imediatas, relativas à própria sobrevivência e à dos seus (família, amigos e comunidade).

Diante dessas definições de resistência, entendemos que as/os jovens que participaram da pesquisa fazem parte de contextos sociais marcados por especificidades, que demandam atuações cotidianas, pautadas por parâmetros de intergeracionalidade e sociabilidade, que constituem suas formas de ser e de resistir. A concepção de juventude enquanto categoria social compreende que esse momento biográfico é socialmente referenciado, reflete e intervém no ordenamento social (TRANCOSO, 2012). Ainda segundo o autor, a juventude expressa seu tempo e espaço social, espelha as crises de sentido e também produz sentidos críticos sobre o momento histórico de sua existência, cujos processos, intenções e desdobramentos não podem ser naturalizados (SAVEGNAGO, 2018; TRANCOSO, 2012).

Quanto à concepção de sujeito juvenil, a partir de estudos sobre participação política e social dos jovens, Castro (2019) propõe uma teoria a respeito, na qual o

processo de reestruturação subjetiva conduz os jovens ao seio do grupo de pares como nicho identificatório, do qual lança mão para reconectar-se a si mesmo e à sociedade mais ampla. A ação é fundamental, o sujeito faz-se pela ação, construindo de várias maneiras os seus vínculos, suas relações e sua ideologia, e não o contrário. Neste sentido, a teoria do sujeito juvenil coloca como central a adesão, o pertencimento e a ação, aspectos que reforçam a dimensão alteritária, identificatória, de estar com um outro, o par, e agir com ele (CASTRO, 2019, p. 84).

Essa conceituação evidencia a importância do grupo para os sujeitos juvenis, por constituir a instância da juventude enquanto categoria social, marcada por parâmetros e orientações de natureza diversas, que possibilitam a identificação e, nesse sentido, a sensação genuína de pertencimento àquele coletivo.

Destacamos o fato de que as ações juvenis se apoiam na vivência do grupo de pares (CASTRO, 2016), tanto no sentido de compreender como as/os jovens participantes da pesquisa constituíram suas ações no contexto pandêmico, quanto também atuaram e lançaram mão de dispositivos culturais durante a participação da pesquisa em si. Segundo Castro (2016), as/os jovens também empreendem atuações para o comum, constituindo processos de subjetivação pública. Essa construção se dá a partir de vivências marcadas por afetos, a partir de causas que, em processo de alianças, podem se tornar comuns, sejam elas no sentido macro ou micro no âmbito social.

Sobre isso, Castro (2016) chama atenção, a partir de suas pesquisas, para o fato de que o contexto escolar, de forma geral, não tem oportunizado reflexões e elaborações dos dilemas geracionais e sociais a ponto de potencializar a construção de compreensões sobre os desafios de nossos tempos, a exemplo dos tantos adoecimentos, crises e processos de medicalização que têm marcado as vivências juvenis na contemporaneidade.

Nesse sentido, os contextos educativos não têm promovido espaços públicos de debate e ação em torno dos sofrimentos sociais, o que acaba interferindo nos processos interativos das próprias instituições educacionais. A maior ou menor centralidade da escola e da universidade na vida de adolescentes e jovens é um parâmetro da efetivação das políticas públicas educacionais que tem buscado ampliar seu repertório temático para além dos conteúdos técnico-científicos. Daí a expectativa de que esses fossem espaços catalisadores de pautas da juventude, em articulação com outras instâncias do circuito/rede de apoio, como a comunidade, movimentos sociais e grupos culturais juvenis. O vácuo aberto pela pandemia nos espaços articulatórios da juventude desafiou grupos e coletivos juvenis a reinventar suas práticas de solidariedade e cuidado mútuo.

Diante dessas definições, entendemos que as/os jovens participantes da pesquisa se configuram enquanto categoria social ao se constituírem como universitárias/os, periféricas/os de centros urbanos e contextos rurais, a grande maioria negras, mães solas, entre outros marcadores de coletividade. Mais à frente, discutiremos como esses marcadores de suas condições juvenis foram construídos a partir de enfrentamentos e resistências que se deram em coletivo, seja durante a pandemia, em ações em comum com familiares e colegas, seja durante a execução das atividades do próprio estudo. Boa parte das ações desenvolvidas no coletivo de pesquisa se materializou a partir da rede afetiva, com práticas de cuidado que foram capazes de sustentar as atividades remotas.

Consideramos a perspectiva de cuidado nesta pesquisa a partir das reflexões de uma ética feminista que “têm como propósito principal repudiar e pôr fim à opressão sofrida pelas mulheres e outros grupos historicamente oprimidos” (ZOBOLI, 2004, p. 27).

Essa forma de olhar para as práticas de cuidado tem como preocupação as transformações político-sociais. Desse modo, consideramos os contextos que as/os jovens fazem parte, o que implica problematizar as questões de gênero, classe, raça, etnia, bem como os recursos disponíveis em seus territórios, que dificultam ou impedem que as pessoas cuidem de si e dos que estão em seu entorno.

Abordar o cuidado considerando as opressões e desigualdades é importante para (re) pensarmos as práticas de resistência. O que é resistir para as/os jovens universitárias/os que tiveram suas vidas ameaçadas na pandemia e que ainda lidam com tantos outros agravos legados desse período? Que estratégias esses/as jovens desenvolveram para sobreviver, para não adoecerem emocionalmente?

Consideramos que os jovens constituem diferentes corpos-territórios (MIRANDA, 2019), ou seja, trazem e constroem elementos e processos que colocam em questão a hierarquização de saberes e papéis, na medida em que reivindicam a manutenção de suas humanidades. Essa compreensão de corpo-território parte do pressuposto de que temos a condição de lançar mão de acordos e permissões que se contrapõem à hierarquização das estruturas de poder e que se articulam com a pluralidade que perpassa nossas intersubjetivações.

Além disso, a noção de corpo-território compreende que nossos corpos transitam diferentes espaços e territórios, constituindo efetivamente esses contextos marcados por condições de existência diferentes que geram diversos corpos-territórios insurgentes, construtores de narrativas que questionam a dicotomia mente e corpo e que estabelecem partilhas pautadas por conhecimentos de mundo que consideram a escuta de nossas próprias memórias, afetos e desafetos. Diante disso, esses corpos-territórios apresentam condições de desarticular os epistemicídios (MIRANDA, 2019), processo que buscamos compreender junto aos jovens participantes de nossa pesquisa.

## Metodologia

A presente pesquisa surgiu a partir das inquietações e dos estudos sobre e com as juventudes, realizados pelas duas autoras e pelo autor deste artigo, no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPCOL – UFPE). Realizamos uma pesquisa participativa de inspiração decolonial, no intuito de valorizar a experiência das/os jovens e permitir que os aspectos formativos da relação pesquisadora/or-participante e do próprio processo de pesquisa pudessem emergir de maneira fluida (SILVA; MOURA; SANTOS, 2021). Para isso, construímos um formulário do Google Forms e divulgamos a pesquisa nas redes sociais das três universidades em que as autoras e o autor atuam (Universidade Federal de Pernambuco – Recife; Universidade Federal Rural de Pernambuco – Serra Talhada; e Universidade Federal de Alagoas – Palmeira dos Índios, Instituições de Ensino Superior localizadas em diferentes territórios da região Nordeste do Brasil, capital de Pernambuco, Sertão do Pajeú e Agreste de Alagoas, respectivamente). Solicitamos que as/os estudantes que tivessem interesse em participar se inscrevessem através do formulário. Os pré-requisitos eram que fossem universitárias/os, entre 17 e 29 anos, ingressantes via sistema de cotas sociais e raciais.

Formamos um grupo com trinta jovens, dez de cada IES. Alguns não aderiram aos encontros ao longo do processo, e demos continuidade aos grupos com a participação dos seguintes estudantes:



**UAST:** Dez estudantes do sexo feminino participaram do grupo, sendo três da etnia indígena Pankará, uma autodeclarada branca, uma negra e cinco pardas. Todas do curso de Licenciatura em Letras.

**UFPE:** Sete estudantes permaneceram no grupo, sendo um do sexo masculino, autodeclarado branco, e seis do sexo feminino; destas, duas se autodeclararam brancas e quatro, pardas. Os cursos representados foram Psicologia, Serviço Social, Pedagogia e História.

**UFAL:** Seis estudantes permaneceram, sendo um do sexo masculino, autodeclarado preto, e cinco do sexo feminino; destas, duas se autodeclararam pretas e três, pardas. Todas cursavam Psicologia.

Nosso movimento no campo de pesquisa COM as/os jovens ocorreu a partir de quatro disposições relacionais: 1) primazia da experiência dos/das participantes: que consiste em considerar que a experiência vivida é uma fonte de conhecimento e da práxis das/os jovens posicionadas/os como analisadores/as desse vivido; 2) diálogo: no intuito de favorecer situações que possibilitem assumir um lugar de enunciação e, desde aí, considerar as alteridades enunciativas (tanto as que usufruem do privilégio epistêmico quanto as que estão em processo de enfrentamento à dominação); 3) ética do cuidado: refere-se ao compromisso com a potencialização da vida, considerando a dimensão processual de nossa existência, individual e coletiva, e a necessária atenção à dor e ao sofrimento que podem ocorrer durante situações de problematização acerca das desigualdades sociais; e 4) responsabilidade pessoal e coletiva: que diz respeito à implicação com a produção de conhecimento aliançada com a justiça social.

A constituição de um coletivo e de um processo de pesquisa interinstitucional foi possível por meio de encontros no *Google Meet*. O grupo se reuniu semanalmente durante nove encontros, com duração de duas horas cada. Posteriormente, foram realizadas as entrevistas também de modo *online*, em encontros individuais com oito jovens que aceitaram o convite para essa outra etapa. Neste artigo, o foco para nossas reflexões são os encontros realizados com as/os jovens em grupo, por ocasião das oficinas temáticas conduzidas de forma *online*.

A metodologia participativa (SILVA; MOURA; SANTOS, 2021) guiou os encontros, que foram organizados a partir do princípio da “nutrição estética”, o qual, segundo Martins (2006), consiste em uma prática que envolve o uso de:

[...] produções artísticas em diferentes linguagens [que] são apresentadas para alimentar olhares, percepções, pensamentos. Essas nutrições estéticas têm gerado múltiplas interpretações, e deflagrado discussões: O que escolhemos para mostrar? Com quais critérios? Escolhemos apenas o que gostamos ou de obras que ‘sabemos falar’ ou o que nos provoca, nos causa estranhamento e sobre as quais queremos problematizar para ir além das primeiras impressões? (MARTINS, 2006, p. 4).

A partir desse princípio e em atenção aos objetivos da pesquisa, os encontros foram assim distribuídos: 1) Construção de uma minibiografia e apresentação; 2) Apresentação da história escolhida do acervo “@conta.1historia” e socialização das vivências durante o período pandêmico; 3) Apresentação de produção textual (carta) sobre as afetações produzidas no encontro anterior; 4) Construção de comunidades de interesse, que consistiu em escolhas temáticas de interesse das juventudes universitárias a serem trabalhadas

em subgrupos e com mediação de obras literárias; 5) Apresentação da sinopse das obras literárias e seu potencial para inspiração de práticas de cuidado e resistência em rede; 6) Apresentação dos diários de leitura online; 7) Organização dos subgrupos por interesse temático para construção dos materiais artísticos; 8) Apresentação dos materiais construídos; 9) continuidade das apresentações e finalização dos encontros.

A partir desses encontros, foi construído, ao longo da pesquisa, um conjunto de materiais. O grupo foi dividido em subgrupos por interesse temático, sendo os próprios participantes responsáveis pela escolha dos temas e do tipo de material a ser produzido. Desse modo, foram desenvolvidos: um *podcast*, intitulado *Experiências literárias na pandemia*, que ressaltou a importância da Literatura e da Arte como ferramentas para lidar com as dificuldades e consequências da crise sanitária instaurada pela Covid-19; um relato de experiência, em formato de carta, elaborado por uma jovem universitária mãe; um livreto, intitulado *Quem és, Brasil?*, que aborda as mulheres negras explicitando as opressões sociais enfrentadas na pandemia; um vídeo-poema, centrado na figura de Carolina Maria de Jesus, com base no seu livro *Quarto de despejo* (JESUS, 2021); uma adaptação, com poesias recitadas ao fundo, destacando as desigualdades presentes na sociedade brasileira de modo geral, e as vivenciadas pelas/os universitárias, de forma específica.

Todo o material foi videogravado através do recurso de registro via *Google Meet*, e optamos pela transcrição de cada encontro, visando a um trabalho mais cuidadoso com a dimensão dialógica-participativa. Realizamos uma análise temática de conteúdo, orientado pelas seguintes etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados. Segundo Gomes (2016), o tema pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo. O tema compõe o campo de sentidos possíveis do que se está comunicando e chama a atenção por sua presença ou frequência de aparição. Em nosso processo, partimos de categorias prévias (desigualdades, resistência, cuidado) e buscamos os sentidos correlatos. A postura no campo de pesquisa, na relação com as/os participantes e na produção de informações para análise foi orientada pelas epistemologias feministas negras comprometidas com o enfrentamento à dominação das populações historicamente subalternizadas. Os eixos temáticos que orientaram a análise e serão discutidos aqui são: sentidos produzidos sobre a experiência de ser jovem universitária/o na pandemia; juventude e dispositivos de cuidado; juventude e estratégias de resistência.

## Resultados e discussão

Foi possível, na pesquisa, mapearmos as vivências e experiências das/os jovens universitárias/os durante a pandemia, bem como dialogar e refletir conjuntamente sobre temáticas como: as desigualdades sociais vivenciadas por universitárias/os, a maternidade na universidade, os obstáculos enfrentados por mulheres negras; e a importância da literatura e da arte no enfrentamento a estados emocionais dolorosos. Além disso, pudemos conhecer e compreender as dificuldades enfrentadas no contexto pandêmico e suas respectivas consequências na vida das/os participantes do projeto. Observamos também as estratégias de resistência e cuidado que essa juventude desenvolveu ao recorrer à literatura, à arte, aos exercícios físicos, aos coletivos juvenis, para não desistir dos objetivos e sonhos, apesar das circunstâncias impostas pela pandemia da Covid-19 não terem sido favoráveis e com consequências que perduram até os dias de hoje.



Os encontros proporcionados no contexto de pesquisa evidenciaram experiências comuns a todas/os, mas também algumas singularidades que abordaremos aqui. Em um dos encontros virtuais com as/os estudantes das três instituições, lançamos mão de imagens disparadoras de discussões sobre a experiência do ensino remoto. Imagens que estavam circulando nas redes sociais, a exemplo de uma que tinha um garoto estudando na frente de um computador todo equipado, e outro em pé olhando, em um cenário que expressava a ausência material. Essas imagens geraram narrativas no formato de relatos diretos e em estilo literário que condensaram as vivências compartilhadas.

Dentre os aspectos trazidos, as/os jovens abordaram as relações virtuais no contexto acadêmico, as relações com familiares e as dificuldades estruturais, a exemplo das constantes quedas de energia, câmeras desligadas, internet precária e equipamentos pessoais pouco ou nada adequados, retratando um panorama de dificuldades cotidianas presentes no ensino universitário remoto. Inclusive, alguns desses problemas estruturais aconteceram durante os nossos encontros de pesquisa, que já se deram em contexto de retomada das atividades presenciais. Nem todas as universidades tiveram políticas eficientes de recursos para dotar os estudantes de equipamentos adequados para acesso à internet.

Essas dificuldades estruturais também foram fatores que compuseram as relações virtuais no contexto acadêmico, marcadas por flexibilizações, compreensões e incompreensões. Os relatos, construídos a partir de histórias criadas para representar as dificuldades, assim como os comentários e trocas durante os encontros dos grupos na pesquisa, evidenciaram relações entre colegas e docentes que nem sempre compreendiam os sentidos das câmeras desligadas e/ou das saídas repentinas das salas de aulas remotas (que estavam relacionadas à internet deficiente e às quedas de internet e energia). Ao mesmo tempo, tivemos relatos sobre a construção de uma rede de apoio entre elas/es, inclusive no aspecto estrutural, em que colegas ofereciam, por exemplo, espaço físico compartilhado para acesso à internet, tanto em residências quanto em escolas públicas.

As relações com familiares foram marcadas por aspectos intergeracionais, atravessados, sobretudo, por questões de renda e gênero. Os relatos trataram desde a dinâmica de cuidados com familiares mais novos e mais velhos (filhos, mães, irmãs/os, entre outras/os), passando pelos trabalhos domésticos exercidos principalmente pelas mulheres estudantes, até os problemas relacionados ao acesso a uma renda adequada durante o isolamento social (período que, para muitos, significou ausência de condições sanitárias de trabalho, a perda do trabalho em si ou a inexistência de políticas de compensação de renda). Também foi recorrente a dificuldade de lidar com a presença constante dos familiares em casa, o que gerou diversos desafios para conciliar a vida doméstica, estudantil e profissional. Esses três aspectos – estrutura, relações acadêmicas e relações familiares – compõem na narrativa ficcional elaborada por um dos subgrupos de participantes:

*Júlia, durante a pandemia, relata que estava apresentando um trabalho na disciplina de literatura e faltou energia durante a sua apresentação. Seu dia já não tinha sido muito legal, pois Júlia estava com seu filho muito doente e sua mãe, que também já estava sob seus cuidados, havia passado muito mal. Júlia já havia pensado em parar de estudar, pois seus dias estavam muito tumultuados e desesperadores. Era filho para criar, mãe e irmãos para cuidar, as contas já estavam atrasadas, internet com oscilação, era uma desmotivação muito grande. Júlia dividia seu único aparelho de estudos com seus três irmãos mais novos que também moram com ela e que, logo mais,*

*teriam aula online com sua professora Rosângela. Júlia, na hora de sua apresentação, estava se sentindo muito desmotivada e pediu para a professora que permitisse que deixasse a câmera fechada, como em todas as suas [aulas], o que não seria bem um problema porque raramente alguém abria a câmera nas aulas de literatura. O que não esperava era ser surpreendida com a queda de energia bem na hora da apresentação. Foi o cúmulo. Como se não bastasse o dia sombrio que havia passado, ou que já vinha pesando, Julia perde o contato com a sala e não conseguiu mais apresentar seu trabalho. Seus colegas do grupo de apresentação daquele dia vieram retrucar com ela, vieram criticar, porque tinha saído da sala e juraram nunca mais fazer grupo com ela (Relato construído em um subgrupo formado por estudantes da UFPE, UFRPE e UFAL).*

O relato da personagem-síntese<sup>1</sup> permite compreender que essas/es jovens estão circunscritas/os em contextos sociais específicos, em um momento histórico singular – a pandemia de Covid-19, que demanda papéis e ações conforme as expectativas intergeracionais e de sociabilidade, especialmente no contexto familiar e acadêmico. Consideramos as/os jovens enquanto sujeitas/os com modos de vida elaborados a partir de processos de subjetivação também localizados. No entanto, apesar das especificidades situacionais, esses modos de vida expressam dilemas comuns à condição juvenil – destacando-se, neste caso, as muitas vivências em comum entre os três contextos universitários.

Ainda com base em Castro (2019), entendemos que as/os sujeitas/os jovens participantes estão evidentemente marcadas/os pela centralidade da ação – neste caso, representada pelos estudos e pelos cuidados mútuos – e do pertencimento a um grupo, característica evidenciada nos relatos e na estratégia de construção de narrativas de suas experiências pandêmicas durante a própria pesquisa. Esses jovens atuam de formas singulares, articuladas não apenas com a luta de classes, mas também – e, sobretudo – com processos de afirmação de vidas e de transformação social que envolvem gênero e raça.

## Juventude e dispositivos de cuidado

A pandemia da Covid-19 causou alterações no estado emocional das/os estudantes, sendo associadas a fatores como o isolamento social e o medo diante da possibilidade de adoecimento e da morte. Além desses fatores, identificamos que o afastamento das atividades acadêmicas também foi causador de sofrimento psíquico. Essas informações remetem à relevância de pensarmos sobre as práticas de cuidado e resistência às opressões e desigualdades, especialmente frente às necessidades emergentes no contexto pandêmico (GUNDIN et al., 2021) e depois da fase aguda da pandemia. A partir desse cenário, consideramos importante discutir a ideia de cuidado e saúde mental junto às/aos estudantes universitárias/os.

É importante ressaltar que compreendemos as práticas de cuidado, nesta pesquisa, a partir de uma perspectiva feminista, mas também a partir do paradigma ético-estético-político. Consideramos essencial valorizar a singularidade das experiências das/os jovens, em vez de generalizá-las, assumindo um compromisso social e político em relação às diferenças entre os sujeitos. Na dimensão ética, buscamos promover uma escuta

---

<sup>1</sup> A história de Júlia é fictícia, os/as jovens participantes da pesquisa criaram essa personagem baseada na história do que eles/as vivenciaram. Como a história era longa, apresentamos aqui uma síntese.

atenta, com o intuito de transformar os modos de compreender os acontecimentos, conectando-os à afirmação da vida como multiplicidade e abertura. Na dimensão estética, destacamos a importância de apostar na invenção de percursos e modos de fazer, produzindo novas formas de subjetivação e realidades, em compromisso com o movimento contínuo e com o fluxo criativo. Já na dimensão política, evidenciamos a necessidade de lutar contra as forças e sistemas de opressão que dificultam as possibilidades de vida das juventudes, sobretudo as negras e pobres (VERDI; FINKLER; MATIAS, 2015).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) entende a saúde mental como um constructo de natureza subjetiva, fortemente influenciado pela cultura. No entanto, discutir saúde mental nos tempos atuais significa abordar uma área extensa, que abarca não apenas pessoas diagnosticadas com transtornos mentais, mas também aquelas que vêm sofrendo em decorrência das desigualdades de gênero, classe, raça, território, sexualidade, entre outras (MENEZES; SILVA, 2024). Observamos que as/os estudantes apresentavam sofrimento psíquico também em razão dessas desigualdades, o que os levou a enfrentar desafios para estudar e a desenvolver estratégias de cuidado para lidar com estados emocionais graves.

Em diferentes momentos, nos encontros com as/os jovens, uma parte delas/deles fez referência à leitura de livros literários como uma forma de cuidado da saúde mental, como pode ser observado no relato a seguir:

*A leitura acabou se tornando uma válvula de escape para mim. Nesse período de isolamento, né? Por conta da pandemia não foi diferente, eu estava prestes a entrar na faculdade, eu tinha vindo para o estado de Alagoas, né? Para poder fazer a matrícula da faculdade; e aí, poucos dias depois, veio a notícia do cancelamento das aulas. Primeiramente, foi um cancelamento temporário, né? E aí ficou aquela esperança, que logo voltaria e tudo, é [...] Mas foi esse postergando, esse cancelamento das aulas e o isolamento social, e me deu muitas crises de ansiedade. Sabe tudo isso? Ter que estar longe das pessoas, ter que adiar, né? Entre aspas um sonho de ingressar na faculdade, de conhecer novas pessoas, de cursar o curso, né? Que eu tanto quis e os livros foram meus aliados nesse período para tentar lidar com essas perdas, com essas faltas, com essas turbulências (Estudante - UFAL).*

É possível observar, no relato anteriormente explicitado, que o isolamento e o adiamento do ingresso na universidade geraram ansiedade na estudante. O recurso relatado – a leitura de livros – foi utilizado por muitas/os estudantes como forma de enfrentamento da pandemia e das emoções desencadeadas por todos os acontecimentos vivenciados. A literatura pode estimular o “pensamento crítico, pode ser usada por simples diversão, para exercitar a imaginação e a criatividade, melhorar a memória, a empatia, o reconhecimento de emoções, a autorreflexão, e para aliviar situações de forte mobilização emocional” (SCORSOLINI-COMIN; JUNQUEIRA, 2021, p. 7). Nesse sentido, apresentamos mais um relato:

*Além da leitura, assistir filmes e séries contribuíram para aliviar os dias: Comprei muitos livros, fiz muitas leituras, assisti muitas séries, filmes, doramas, que são novelas asiáticas, coreanas para esquecer o que estava enfrentando (Estudante - UFRPE-UAST).*

Em relação às práticas de cuidado, outra estudante também fez referência às estratégias usadas para cuidar de sua saúde mental:

*Eu fiz exercícios, mas nem foi por questão da saúde física, mas por questão da saúde mental. Porque [...] estava passando por um momento difícil de crises de ansiedade, de pânico, insônia. Então, eu procurei mecanismos para me ajudar: como meditação, yoga e qualquer exercício que pudesse melhorar minha saúde, não só a física, mas a mental (Estudante - UFRPE- UAST).*

A estudante relatou que desenvolveu exercícios físicos, meditação e até yoga, qualquer mecanismo que pudesse ajudar, pois estava passando por momentos difíceis com crises de ansiedade. Assim como ela, outro estudante falou que recorreu aos exercícios:

*[...] algumas vezes também, eu acompanhei algumas pessoas, alguns personal trainers, algumas dicas de treinos em casa. Eu acabava fazendo algum exercício ou algo assim. Algo assim: um alongamento. Eu me lembro que gostava de fazer alongamento (Estudante - UFAL).*

De acordo com o estudo realizado por Lourenço et al. (2017), as atividades físicas beneficiam os indivíduos que têm sintomas depressivos e ansiosos, inclusive pessoas institucionalizadas, pois amenizam a sensação de isolamento, melhoram a disposição física, aumentam a autoestima e reduzem a ociosidade. Além dos exercícios físicos, os autores destacam que a dança também se fez presente como estratégia de cuidado. Sendo um exercício aeróbico, a dança produz efeitos positivos em relação aos estados emocionais depressivos, ansiosos e dolorosos. Em diálogo com essas reflexões, trazemos o relato a seguir:

*Pensando na minha saúde física, como eu não podia muito sair de casa. Eu tentava me adequar ao que tinha. Teve períodos que eu inventava de dançar em frente à TV. A gente se divertiu horrores. Era até uma forma de distrair as crianças que estavam com a mãe doente. A gente botava uma caixa de som na garagem e começava a dançar [...] Era, foi um divertimento enorme pra gente ver essa parte, pra tentar esquecer o que estava acontecendo. A gente dançava (Estudante, UFRPE-UAST).*

No entanto, vimos que nem todas/os as/os estudantes puderam recorrer a esses recursos, pois a situação de classe social também fez com que algumas/alguns precisassem trabalhar, sem tempo e condições para cuidar da saúde física e mental, sobretudo as/os jovens pobres e negras/os. Boa parte relatou, inclusive, as dificuldades para dar continuidade aos estudos no formato remoto, devido à ausência de tempo, de aparelhos eletrônicos, de acesso à internet e de um espaço adequado em casa para estudar, como pode ser observado no relato a seguir:

*Aqui mesmo, na minha casa, só tem um computador. Não tenho notebook. É um computador só. Então, questão de aula online dava até certo quando a internet funcionava, porque cada pessoa tem o seu celular, aí cada um ficava no seu. Agora, quando eram as atividades, tinha que ser feito um revezamento, porque eu também tenho irmãs, que estudam; e elas também precisavam e eu não consigo fazer trabalhos digitando pelo celular. Eu acho muito ruim. Eu prefiro no computador. Isso dificultou meu rendimento nos estudos e me deixava ansiosa (Estudante - UFRPE-UAST).*

Essa dificuldade de acesso à internet é uma realidade de muitas/os estudantes brasileiras/os. A desigualdade social que vivenciada no Brasil não é algo novo. O impacto das

diferenças de classe na educação é conhecido há muito tempo. No entanto, o cenário pandêmico evidenciou ainda mais problemas que sempre estiveram presentes, e estudantes de diferentes níveis escolares sentiram, na pele, a dificuldade de dar continuidade aos seus estudos. Sobre essa questão, uma estudante da UFRPE-UAST relatou: “[...] alguns colegas estudantes[...] acabaram tendo que desistir dos cursos, trancando o curso, porque justamente não tinham acesso à internet”.

Esses discursos evidenciam os desafios enfrentados pelas/os jovens universitárias/os durante a pandemia e revelam o quanto desenvolver práticas de cuidado foi difícil para algumas/alguns estudantes, que precisaram, antes de tudo, encontrar meios de suprir suas necessidades básicas, como alimentação e outras práticas essenciais à sobrevivência.

## Juventude e estratégias de resistência

Em meio a um cenário tão agudo de sofrimento como foi a pandemia, manter-se vivo, e minimamente saudável, já configurava um grande ato de resistência. Estamos tomando resistência na dimensão apontada por Scott (2004), pequenos gestos de desafiar situações que se mostraram mais exigentes para grupos sociais historicamente vulnerabilizados, em que o risco sanitário aumentado contrastava com a possibilidade de grupos economicamente favorecidos cumprirem a indicação do “fique em casa”.

No grupo de nossa pesquisa, destacamos a situação de jovens-mães em contexto universitário e as estratégias que elaboraram para manterem-se conectadas com o novo “contexto de ensino”, no qual a sala-tela de aula concorria com todos os afazeres domésticos, em especial com o cuidado com os filhos. Uma das participantes recorreu ao gênero discursivo carta para nos contar sobre sua vivência no cenário doméstico:

*(...) lembro-me ainda emocionada de todos os momentos que passei durante a pandemia pra acompanhar minha turma, as várias maneiras inusitadas que eu assisti as aulas, e sempre com o serzinho mais lindo do mundo, grudado em meu seio. Mas, um dia em especial me marcou mais: o dia que eu descobri o autismo do meu filho, e tinha um seminário para o mesmo dia, e foi com a face de angústia, e chorosa, que eu exerci minha função de estudante. Confesso que foi nesse momento que eu percebi que independente das turbulências, eu não vou desistir. É por ele e também é por mim, ser mãe nos transforma, vemos o mundo de outra maneira. Às vezes, nos sentimos imbatíveis e outros dias nem tanto, mas o que eu quero dizer aqui hoje, é que você não está sozinha, não desista, por mais que você se sinta desmotivada ou pouco acolhida, o que prevalece sempre é nosso primeiro instinto, é de sobrevivência, e isso nos torna mais forte, sejamos fortes e lutemos para que este nosso momento seja respeitado, que a universidade nos assegure que não temos que escolher entre a maternidade e a vivência acadêmica, completo reafirmando o que eu já externei: não desista, você consegue! (Estudante UAST-UFRPE).*

Muitas são as facetas de desigualdade de gênero expressa nesse relato. E o campo do ativismo feminista na sociedade e na universidade também foi intensamente demandado para refletir, denunciar e intervir em uma série de agravos à saúde física, mental e financeira das mulheres em situação de isolamento ou superexposição em meio à pandemia. Em uma sociedade marcada pelo patriarcado, o trabalho das mulheres é subnotificado, desvalorizado, negligenciado, embora minuciosamente vigiado. Patriarcado, capitalismo, racismo, misoginia condensam circunstâncias de vida que comprometem a



capacidade de existência/resistência de corpos estrategicamente atados à maquinaria da reprodução social e sexual. A contribuição de uma análise feminista está em embaralhar “as fronteiras do pessoal e do político, possibilitando articular as relações de poder em embates cotidianos nos espaços íntimos e em contextos sociopolíticos ampliados, resistindo a abordagens individualizantes e dicotômicas” (MOREIRA et al., 2020, p. 2).

Na ordenação socio sanitária do “fique em casa”, para a jovem do relato anteriormente explicitado, o “estude em casa” foi acompanhado de significativas limitações das políticas sociais de educação, que intensificam desigualdades nas possibilidades de conclusão do ensino superior, acesso ao mercado de trabalho e construção de um cenário de independência financeira – tão fundamental à vida das mulheres. A condição de superação das adversidades, sem contar com a devida rede de apoio social e afetivo, pode ocasionar uma série de danos, como estresse crônico e exaustão física e mental prolongada, cujos sintomas podem se estender no tempo. A estudante do relato acima nos conta sobre sua superação e motiva outras mulheres a se conectarem com a força necessária para seguir com seus objetivos. No entanto, ao nos demoramos em suas palavras, também ficamos a pensar: qual o acolhimento para sua angústia e seu iminente choro em meio à recepção de um diagnóstico sobre a condição de seu filho?

Minimizar a complexidade que circunscreve a vida das mulheres em situações de crise e guerras compõe o projeto de violência de gênero que faz com que a supressão de nossos direitos seja naturalizada. Enquanto narradora e personagem de uma jornada de superação, o relato da estudante da UAST que assistia às aulas com o filho no colo, nos convoca ao compromisso de avaliarmos os efeitos pós-pandêmicos na vida das mulheres. Importa saber: quais políticas de vida digna estão em curso, neste país, para as mulheres mais penalizadas durante a pandemia. Desistir poderia compor a paleta de escolhas possíveis em um cenário que nos assegurasse liberdade, integridade física, respeito, solidariedade, afeto e cuidado.

Não ter de escolher entre maternidade e universidade é o que se espera de uma sociedade que garante a cidadania das mulheres e que esteja minimamente sintonizada com o campo dos direitos sexuais e reprodutivos. O modo como essas questões são abordadas em contexto universitário ainda estão bem longe do ideal de uma participação política forte e expressiva. Inclusive porque, como triste legado da pandemia, houve uma significativa desarticulação dos diretórios acadêmicos em muitas Instituições de Ensino Superior. Essa é uma dimensão crucial da resistência política que precisa ser revigorada: os espaços públicos e coletivos para a participação política da juventude universitária. Ter de ser o próprio recurso para não sucumbir é uma dimensão penosa da resistência, como movimento de dobrar o poder sobre si mesma/o. O que fica para nós como demanda de uma resistência coletiva e esperançosa é o compromisso com a revitalização dos espaços de participação política, nos quais bandeiras ético-políticas possam ser aliançadas em meio aos tantos desafios aprofundados pela ferida pandêmica, ainda em lenta cicatrização.

Para aquelas/es que passaram parte de sua juventude em tempos de pandemia, a resistência é também um exercício de retomada da política democrática como compromisso contra o descaso, contra a banalidade do mal, contra a impunidade de chefes políticos que zombaram da dor e do luto de aproximadamente 700.000 vítimas fatais, contabilizadas até o final de 2022. Esse é um trauma coletivo, e a tarefa será também coletiva: a de não mais sucumbirmos ao horror.



## Considerações finais

Ao ouvirmos as/os jovens sobre as dificuldades para darem continuidade aos estudos na pandemia, vimos que o sistema de opressão de classe produziu e produz peso e desgaste de todas as ordens sobre essas juventudes, o que fez com que algumas e alguns não conseguissem dar continuidade ao processo de escolarização e outras/os precisassem criar estratégias diversas para enfrentar as dificuldades e conseguir se manter realizando os cursos de graduação. Com isso, pensamos no papel da universidade como dispositivo importante na rede de cuidados das/os jovens, um espaço que vai além da formação profissional para a juventude.

Atentar para os arranjos de gênero em articulação com geração e maternidade em contexto universitário realçou nossa atenção para o legado de desigualdade agudizado para a vida de mulheres jovens, que ainda buscam o mínimo de estabilidade financeira para não sucumbirem às tantas violências que lhes são direcionadas em sociedades patriarcais, machistas, racistas e misóginas.

Enquanto pesquisadoras e pesquisadores do campo da juventude, com atuação no contexto universitário, cabe-nos o compromisso em contribuir com a revitalização dos espaços públicos de participação política, especialmente diante do grave desmonte de estruturas como diretórios e centros acadêmicos. Entendemos a resistência como começo da luta política, principalmente em um país que tenta se recompor de uma grave crise democrática.

A processualidade da retomada de princípios e políticas democráticas e da valorização da pluralidade exige, de cada um de nós, o investimento na revitalização da esperança, mesmo diante da dor, do luto, do medo e da morte. Prezar pela reocupação do território universitário pode configurar um potente projeto de enfrentamento ao epistemicídio – compreendido como política de interrupção dos ainda tão recentes avanços na democratização do ensino público superior em nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais do Ensino Superior. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018**. Brasília: 2019. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018>>. Acesso em: 09 jul. 2025.

ARAÚJO, M. F. T.; CAVALCANTE, V. T.; SANTOS, A. C. H. “Agentes não é igual ao que agente era em março de 2020”: a atuação em psicologia escolar e educacional no Instituto Federal de Alagoas na pandemia de COVID-19. **Revista Amazônica**, v. 18, n. 1, p. 13-43, jan./jun. 2025. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/17491>>. Acesso em: 11 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 169, p. 1, 30 ago. 2012. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)>. Acesso em: 13 jul. 2025.

CASTRO, L. R. de. Subjetividades públicas juvenis: a construção do comum e os impasses de sua realização. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 80-91, jan. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/chDHgJL56NKd9cGqYifztFd/?lang=pt>>. Acesso em: 8 mai. 2025.

\_\_\_\_\_. Onde estão os (sujeitos) jovens nas teorias da juventude? In: COLAÇO, V. de F. R. et al. (Org.). **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 69-88.

FRANCO, A. M. de P.; CUNHA, S. Perfil socioeconômico dos graduandos das IFES. In: Radar: tecnologia, produção e comércio exterior. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura (fev. 2017). Brasília: IPEA, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7649/1/Radar\\_n49\\_perfil.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7649/1/Radar_n49_perfil.pdf)>. Acesso em: 11 de julho de 2025.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 72-95.

GUNDIN, V. A. et al. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/37293/23470>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição comemorativa. São Paulo: Ática, 2021.

LOURENÇO, B. da S. et al. Atividade física como uma estratégia terapêutica em saúde mental: revisão integrativa com implicação para o cuidado de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 3, p. e20160390, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/zThRTQzk9PvZfBcgwYncM4J/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64XvssngF6FHJqnzb>>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MARTINS, M. C. Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação**: Revista do Departamento de Educação/UNISC, Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2006, Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/slideshow/curadoria-educativa-inventando-conversas/40746923>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

MENEZES, J. de A.; SILVA, R. A. da. Políticas de Pesquisa COM a juventude universitária: construção e divulgação de conhecimentos sobre tempos pandêmicos. In: MARTINS, C. P.; MENEZES, J. de A. (Orgs.). **Insubmissas práticas psicossociais**: tarefas do presente, questões urgentes. São Carlos: Pedro e João, 2024. p. 97-110.

MIRANDA, E. O. Rachar e despencar o corpo-território. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 7, n. 1, p. 467-487, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/54972/37165>>. Acesso em: 09 jul. 2025.

MOREIRA, L. E. et al. Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, e020014, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/93BpjQdGtPs9Lxs9SCSWHkr/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

OLIVEIRA, C. M. R. de. et al. Projeto de extensão “Em conexão: tecendo e cultivando redes de cuidado de si e do coletivo” e suas contribuições à saúde mental em tempos de pandemia pela Covid-19. In: NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. de O. (Orgs.). **Onde está a psicologia no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 347-370.

SAVEGNAGO, S. D. O. **Oportunidades de vida**: fortuidades do tempo e mobilidades no espaço de jovens pobres cariocas. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SCORSOLINI-COMIN, F.; JUNQUEIRA, L. F. de S. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, v. 10, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/17404>>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SCOTT, J. C. Los dominados y el arte de la resistencia: discursos ocultos. México, D.F.: Ediciones Era, 2004.

\_\_\_\_\_. Exploração normal, resistência normal. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, p. 217-243, jan. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/SYTFpQnDjn3vRSDJzghnnpd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SILVA, R. A.; MOURA, R. P. dos S.; SANTOS, A. C. de H. Narrativas (des)construídas como tarefa política da pesquisa participativa decolonial. **Revista de Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 147-160, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/62760>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

TRANCOSO, A. E. R. **Juventudes**: o conceito na produção científica brasileira. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

VERDI, M.; FINKLER, M.; MATIAS, M. C. S. A dimensão ético-estético-política da Humanização do SUS: estudo avaliativo da formação de apoiadores de Santa Catarina (2012-2014). **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 3, p. 363-372, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/c9KrfpqCxsVWdfcYhcxW3H/>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

ZOBOLI, E. L. C. P. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n. 1, p. 21-27, mar. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/QxhC6TD3pJf8mSfdSmJwLBK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

**Resumo** Este artigo aborda reflexões construídas a partir de uma pesquisa realizada com jovens universitárias/os sobre as estratégias de cuidado e resistência na pandemia da Covid-19. Trata-se de uma pesquisa interinstitucional desenvolvida por pesquisadores/as de três instituições do Nordeste (UFRPE, UFPE e UFAL), através do uso de métodos participativos. Foram realizados nove grupos *online* com as/os jovens das três instituições. Nos encontros, foram abordadas problemáticas que naquele momento interferiam nas experiências juvenis, de modo geral, e, de forma particular, na relação com as universidades. Vimos que o sistema de opressão, sobretudo de classe e território, dificultou que as/os jovens dessem continuidade ao processo de escolarização. Alguns precisaram criar estratégias de cuidado e resistência para não adoecerem e conseguirem permanecer nos cursos universitários. Destacamos o papel da universidade como um dispositivo importante na rede de cuidados e como um espaço que vai além da formação profissional das juventudes.

**Palavras-chave:** juventude universitária, pandemia, práticas de cuidado, resistência.

### **Estrategias de cuidado y resistencia construidas por jóvenes universitarios durante la pandemia**

**Resumen** El artículo discute reflexiones basadas en una investigación realizada con jóvenes universitarios sobre estrategias de cuidado y resistencia en la pandemia del COVID-19. Se trata de un estudio interinstitucional realizado por investigadores de tres instituciones del nordeste (UFRPE, UFPE y UFAL), utilizando métodos participativos. Se realizaron nueve grupos en línea con jóvenes de las tres instituciones. Los encuentros abordaron cuestiones que, en aquel momento, afectaban a la experiencia de los jóvenes en general y, en particular, a su relación con la universidad. Vimos que el sistema de opresión, especialmente de clase y territorio, dificultaba a los jóvenes continuar su proceso de escolarización. Algunos tuvieron que crear estrategias de cuidado y resistencia para no enfermarse y seguir cursando carreras universitarias. Destacamos el papel de la universidad como dispositivo importante en la red de cuidados y como espacio que va más allá de la formación profesional de los jóvenes.

**Palabras clave:** jóvenes universitarios, pandemia, prácticas de cuidado, resistencia.

### **Strategies of care and resistance built by young university students during the pandemic**

**Abstract** The article discusses reflections based on research carried out with young university students about care and resistance strategies in the COVID-19 pandemic. This is an inter-institutional study carried out by researchers from three northeastern institutions (UFRPE, UFPE and UFAL), using participatory methods. Nine online groups were developed with young people from the three institutions. The meetings tackled issues that at the time were affecting young people's experiences in general, and in particular their ties with universities. We saw that the system of oppression, especially of class and territory, made it difficult for students to continue their schooling. Some had to create strategies of care and resistance in order not to fall ill and to keep going through university courses. We highlight the role of the university as an important device in the care network and as a space that goes beyond professional training for youth.

**Keywords:** university youth, pandemic, care practices, resistance.

**DATA DE RECEBIMENTO:** 08/05/2025

**DATA DE APROVAÇÃO:** 01/07/2025



**Roseane Amorim da Silva**

Graduada em Psicologia pela Universidade de Pernambuco (UPE), Brasil. Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST, Brasil.

E-mail: [roseane.amorim@ufrpe.br](mailto:roseane.amorim@ufrpe.br)



**Antonio César de Holanda Santos**

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil. Mestre em Educação pela UFAL. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. Professor Associado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAL.

E-mail: [antonio.santos@palmeira.ufal.br](mailto:antonio.santos@palmeira.ufal.br)



**Jaileila de Araújo Menezes**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE. Coordenadora do Núcleo OriGepcol/Museu da Pessoa.

E-mail: [jaileila.santos@ufpe.br](mailto:jaileila.santos@ufpe.br)



# Estratégias de cuidado e resistência construídas por jovens universitários na pandemia

**Roseane Amorim da Silva**

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1454-0417>

**Antônio César de Holanda Santos**

Universidade Federal de Alagoas, Palmeiras dos Índios, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9516-7035>

**Jaileila de Araújo Menezes**

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3322-3764>